

# A satanização do descanso

No Gênesis, da Bíblia judaico-cristã, o trabalho é imposto como uma pena eterna a Adão

## ARTIGO

### Direito ao não trabalho

Por Luciane Lourdes Webber Toss\*

Diante de um sistema produtivo cada vez mais desenvolvido onde o empregador, através do uso de aparatos tecnológicos, invade os espaços privados de seus empregados com maior facilidade, comprometendo os critérios espaço-tempo do trabalho (vide a utilização de *e-mails*, *Facebook*, *Twitter*, entre outros), é necessário que se resgate o direito ao não trabalho.

Quando falamos de “não trabalho” nos referimos especificamente a um direito destinado a trabalhadores empregados em cujas categorias a dinâmica da modernidade quer impor jornadas de trabalho cada vez mais elásticas, suprimindo os horários de descanso e repouso e, portanto, tornando os trabalhadores disponíveis muito além das horas contratadas. É o caso dos professores da rede privada de ensino.

O não trabalho é aquele momento a que todos nós, trabalhadores cotidianos, temos direito. É um direito de nos desapegarmos das tarefas e labutas e simplesmente nos regozijarmos em nossas próprias existências, ou naquelas de quem escolhemos dividir nossas horas de lazer conosco, ou seja, nossa família e nossos amigos.

Aqui se encontram aqueles direitos já consagrados formal e materialmente como o direito ao descanso e ao repouso, ou aqueles imateriais como o que veda o dano existencial. Em que pese não estar relacionado no capítulo dos direitos trabalhistas e sim nos direitos sociais, o direito ao lazer integra o rol de direitos fundamentais do homem. Está lá, no Art. 6º da Constituição Federal.

Seja em uma visão utilitarista, onde o horário de repouso e intervalo repõe as energias, seja em uma visão compensatória, onde o descanso é a restauração da dignidade roubada pela mais valia do trabalho, seja em uma visão romântica, onde o tempo livre para si e para os seus é a felicidade, o lazer sempre está relacionado ao tempo que difere do tempo do trabalho.

Ao prever tempos destinados ao não trabalho, a legislação não faz nada mais do que reconhecer a necessidade de socialização. Como diria Mario Quintana em seu poema *O Tempo*: “A vida é o dever que nós trazemos para fazer em casa”.

\*Assessora Jurídica do Sinpro/RS, mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Unisinos.

Na introdução do seu texto, o cubano Lafargue argumenta que trabalhar, muitas vezes além das forças humanas, é resultado do dogma religioso, que impinge que o homem veio ao mundo para sofrer e “não à filosofia, contrária, que diz ao homem: goza”. Para ele, a moral capitalista é uma lamentável paródia da moral cristã, que condena os homens à redução do mínimo de suas necessidades, suprimir suas alegrias e as suas paixões e condená-lo ao papel de máquina, entregando trabalho sem dó nem piedade. É a religião do trabalho.

É também a religião, diz, quem dá todo o amparo para que o capital explore economicamente o trabalho de homens, mulheres e crianças. É a moral cristã que prega “quanto mais os meus povos trabalharem, menos vícios existirão”. Irônico, ele lembra que Cristo pregou a preguiça no sermão da montanha, citando a seguinte passagem: “Contemplai o crescimento dos lírios dos campos, eles não trabalham nem fiam e, todavia, digo-vos, Salomão, em toda sua glória, não se vestiu com maior brilho” (Evangelho segundo São Mateus, cap. VI).

Mais irônico foi ao recordar que “Jeová, o deus barbudo, deu aos seus adoradores o exemplo supremo da preguiça ideal: depois de seis dias de trabalho, repousou para a eternidade”. Mas, como lembra o filósofo marxista Leandro Konder, o problema é que quando os pobres tratam de imitar Jeová, a polícia os rotula como vagabundos e os põe na cadeia.

Diz Lafargue: “Tal como Cristo, a triste personificação da escravidão antiga, os homens, as mulheres, as crianças do proletariado sobem penosamente, há um século, o duro calvário da dor: desde há um século que o trabalho forçado quebra os seus ossos,



“Todas as misérias morais e individuais vieram



# e a santificação do trabalho

o e Eva. A preguiça, por sua vez, foi transformada pela Igreja católica em pecado capital

ARTIGO

## Estabelecendo limites

Por Cecília Farias\*

Um dos conhecimentos trabalhados na escola é a importância de os alunos agirem dentro de determinados limites, respeitando o regimento social que garante um convívio saudável entre os grupos sociais. A máxima *o meu limite vai até onde começa o do outro* é referida pelos professores que têm redobrado trabalho em razão de os limites sociais dos alunos não serem, muitas vezes, valores construídos na família.

A vida atribulada pelas inúmeras tarefas educacionais, que ficam cada vez mais por conta dos professores, e a “obrigação” de cumpri-las no tempo exíguo estabelecido pelas instituições, afastam o professor da reflexão sobre os seus próprios limites.

Além disso, existe o temor de que, ao não atender as demandas crescentes das instituições, poderão diminuir o seu prestígio e, consequentemente, serem dispensados da instituição. Por entenderem que direções e coordenações normalmente se pautam pelas múltiplas exigências aos docentes, acabam aceitando tarefas muito complexas para o tempo estabelecido. Muito frequentemente, nem tentam argumentar sobre a dificuldade de desempenhar a tarefa imposta no tempo determinado e, muito menos, sobre a pertinência de determinado trabalho ser desenvolvido por professor e não por outros profissionais da instituição.

A consequência de toda essa sobrecarga de trabalho é o adoecimento do professor. O desgaste provocado pelas tarefas profissionais estão entre as principais causas do estresse. Como consequência, intensificaram-se o aparecimento de dores musculares, a ansiedade, a angústia e o cansaço. E o pior, acabam trabalhando doentes, porque na instituição privada a falta ao trabalho é “falta grave”.

É chegada a hora de o professor pensar nos seus próprios limites, reagindo contra deveres que lhe são impostos, contra os constrangimentos sofridos na instituição, o acúmulo de trabalho, às atitudes assediosas dos superiores, ao cansaço, à falta de respeito. O professor precisa dizer sim a uma vida em que a realização profissional e pessoal o estimulem ao lazer, à cultura, à criatividade, ao convívio com seus familiares e amigos, ao investimento no constante crescimento pessoal, à sua própria vida.

\*Diretora do Sinpro/RS, conselheira do CEEEd.

magoa as suas carnes, dá cabo dos seus nervos; desde há um século que a fome torce as suas entranhas e alucina os seus cérebros...”

E, aí, é ele quem reza: “Ó, preguiça, tem piedade de nossa longa miséria! Ó, preguiça, mãe das artes e das nobres virtudes, sê o bálsamo das angústias humanas!”

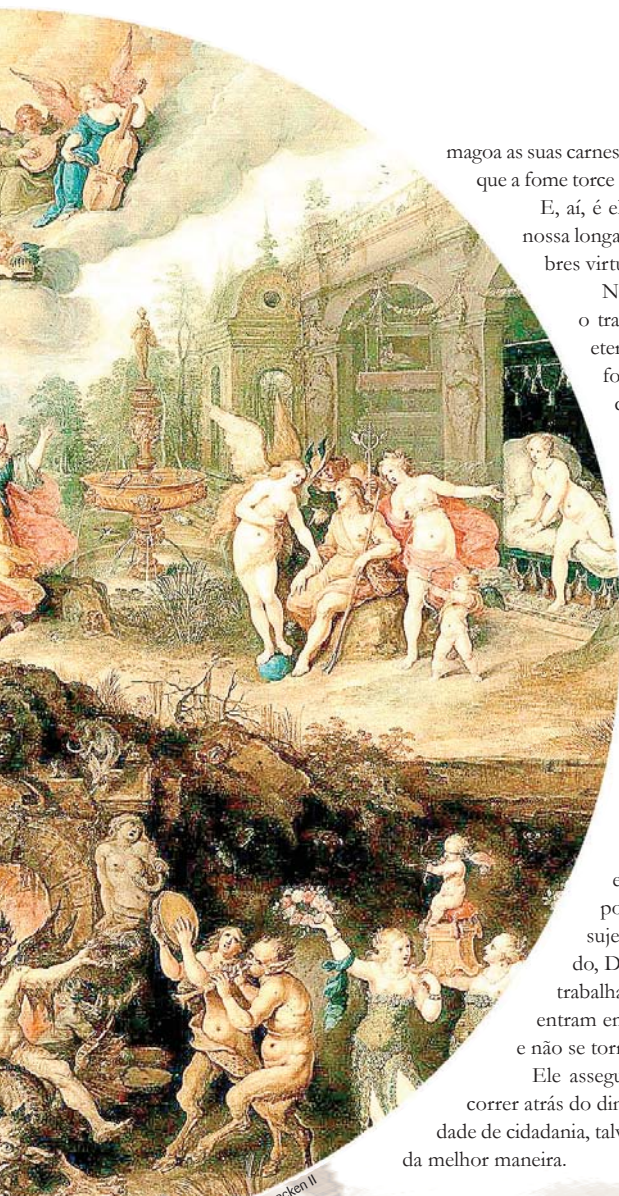
No livro do Gênesis, da Bíblia judaico-cristã, o trabalho é imposto por Deus como uma pena eterna a Adão e Eva. Já a preguiça, por sua vez, foi transformada pela Igreja católica em um pecado capital, qual seja: condenável.

Lafargue não estava sozinho em sua tese. Trouxe para seu apoio a vida dos gregos antigos, que tinham desprezo pelo trabalho. “Só aos escravos era permitido trabalhar. O homem livre só conhecia os exercícios físicos e os jogos de inteligência. Poetas cantavam a preguiça, esse presente dos deuses”.

**ÓCIO** – Em meados dos anos 1990, início de 2000, os livros do sociólogo italiano Domenico De Masi passaram a ser leitura obrigatória entre os sindicalistas brasileiros. Os mais conhecidos são *Desenvolvimento sem trabalho* e *Ócio criativo*.

O italiano enxerga o trabalho como uma escravidão e aponta que a saída para a humanidade é monopolizar a imaginação e a criatividade, qualidades que os robôs não possuem. Tal qual a moral cristã, que faz o sujeito se sentir culpado se não estiver trabalhando, De Masi acredita que as pessoas gostariam de trabalhar menos. Porém, quando conseguem isso, entram em depressão pela simples vontade de ser útil e não se tornar ocioso.

Ele assegura que assim que a humanidade deixar de correr atrás do dinheiro, como único objetivo de vida e identidade de cidadania, talvez, no futuro, possa dispor do tempo ocioso da melhor maneira.



Choice Between Virtue and Vice, 1633 de Frans Francken II

de sua paixão pelo trabalho” – Paul Lafargue